

Epístola final

Hoje sinto-me menos solitária que ontem. Senti uma enorme necessidade de olhar para o meu trabalho artístico e para certos elementos que a ele dizem respeito. Percebi que uma série de fotografias, a qual já participou de momentos de partilha com amigos, hoje apenas um conjunto de imagens, acolhe imensas possibilidades de desfecho textual. O que escolhi nesse percurso de quatro anos, olhando para esse mesmo trabalho, foi implementar uma reflexão sobre como os eventos, os piqueniques, desenham uma maneira de proceder a prática artística, distantes de um possível silêncio da imagem.

Entretanto, toda a perspectiva engendrada no evento culmina em uma fotografia e, assim, desafia as garantias de uma definição cerrada sobre o que constitui uma poética artística bem como sobre minhas certezas acerca da sobrevivência da ideia de evento no plano da imagem. Tal claudicação é essencial para meus procedimentos e ainda mais para prosseguir no intento de habitar os espaços da arte ou mesmo de tensioná-los com todas essas coisas que não pertencem a eles, mas que o impregnam de novos sentidos.

Trabalho não somente para gerar uma fotografia e sim para que a imagem seja também uma experiência, ou, para que a mesma participe de uma experiência. Tal ação é deliberadamente afastada da solidão, pois carrego

comigo, para tal feita, um grupo de pessoas que dividem comigo o experimento. Na fotografia, que disso tudo resta, não estou presente, senão através da escolha da composição e do recorte. Entretanto, partilho o tempo e a comida que o evento encerra.

Se exponho as fotografias, é para colocar à prova meus desacertos, para que as imagens residam em outras pessoas e para que, assim, possam inaugurar outras percepções, sempre diversas das minhas.

Se escrevo, é para não me perder de meu processo, uma necessidade de encontrar, nessa grande associação de palavras que compõe um texto, outros sentidos para o trabalho. Escrever torna-se um modo de pensar, de repensar e, ainda mais, de gerar outros sentidos para uma produção visual. Vejo mais escrevendo, observo melhor os detalhes e caio em constantes contradições, ações indispensáveis para a manutenção do processo.

Lendo, para depois escrever, conheci melhor meus companheiros de percurso. Pude me aproximar de um Monet que não conhecia, de um universo onde os amigos ocupam um lugar essencial nas investidas artísticas. Busquei Barthes para repensar a fotografia, para olhar de maneira distinta minha própria perspectiva.

Por meio da redação das cartas que compõem este texto, arranjei um universo de escrita que me permitisse dar prioridade ao processo artístico e, sobretudo, à forma como cada elemento constituinte dos *Convoscotes* fosse repensado ao lado de outras pessoas. Todo o processo de trabalho e o percurso de pesquisa, os quais forneceram as bases para esta tese, se

originaram dos *foto-eventos*, dos encontros promovidos para dar vida ao trabalho artístico.

Recentemente reli a carta de Lygia Clark endereçada a Mondrian, a qual forneceu a fagulha para a escrita de minhas cartas a Monet e a Barthes. Igualmente, tal missiva retornou para esta carta final como estrutura, como um guia para iniciar as palavras que estão postas neste último momento. Lygia Clark assevera que o artista vive só dentro dele e, somente agora, a entendo perfeitamente. Vive sim, pois é dentro dele que as pequenas invenções, ao se tornarem trabalhos artísticos, se constituem. Mas, em meu caso, jamais há solidão. No âmbito da concepção das ideias, busco apoio em outros artistas, presentes ou não no mesmo espaço ou tempo que o meu. Como recurso para escapar a essa tal solidão vou atrás de companhia constante.

Após os encontros com Monet, os que antecederam a prática, por exemplo, agrupei comparsas para minhas proposições, os amigos que aceitaram meus convites para compartilhar um evento e para participar de uma imagem. Inicialmente a ideia de amizade não era pontuada como um dado a ser investigado de forma intensiva no interior da pesquisa. Até aquele momento estava suficientemente claro para mim que os motivos estavam dados. Entretanto, durante o exame de qualificação desta tese, o questionamento sobre quem eram aquelas pessoas, por quais razões estavam ali figurando as fotografias, abriu uma nova superfície para pensar a minha prática artística. Tal assunto tornou-se um universo novo de reflexão e importante para que a dimensão do evento, em toda sua intimidade, tomasse a força que tem no interior do processo.

Outro percurso iniciado nesta pesquisa concerne a um investimento nas aproximações das questões gastronômicas com o âmbito da arte: comer juntos. As pesquisas sobre o ato de comer e a alimentação na arte constituíram meios para pensar como esses dois campos se unem, podendo conferir novas possibilidades de experiência.

Além disso, a ação de repensar a fotografia e sua existência no interior da prática, por meio da pose e da encenação, fortaleceu as bases daquilo que nomeei *foto-eventos*. Mesmo que seja consciente o risco da aproximação de determinados conceitos ao meu processo, a construção dada aqui, por meio da escrita, abriu novas perspectivas de mirada para o trabalho artístico, tendo em vista todas as demais possibilidades deixadas de lado. O corte ou recorte fotográfico utilizado para as cenas dos *convescotes* igualmente se aplicou ao modo como foi elaborada esta tese. Uma antevisão abrigada sobre as imagens apresentadas no *Fascículo I*, a composição dos assuntos constantes nas cartas no *Fascículo II* e, finalmente, as pausas dadas pelas notas do *Fascículo III*.

As imagens fotográficas que pertencem à série *Convescotes* assumem sua independência deste texto organizado em função delas e para elas. Elas vão figurar em outros espaços, serão vistas sem a companhia do texto e, dessa maneira, podem nunca retornar às coisas ditas aqui. Como objetos autônomos de minha fala, tais imagens podem tecer diferentes trajetos com aqueles que delas participarem. Contudo, não as abandono de suas origens na pintura, suas intersecções com o evento e com a cena posada.

Permito-me afirmar que, após esse rico caminho dado pela pesquisa, por essa longa escrita sobre os elementos do processo, a prática artística se refundou, desviando-se para campos teóricos, os quais, a mim, causaram momentos de descoberta e de dúvida. Entretanto, somente a partir dessa sorte de consentimentos que fiz em relação ao pensamento sobre os *Convocotes* é que pude entendê-los através de novas perspectivas.

Espero que a leitura lhe tenha sido aprazível e agradeço a dedicação de tempo a esta tese. Despeço-me aqui, desejando que desfrutem de muitos piqueniques nos belos dias de sol que virão.

Cordialmente,
Fernanda Gassen